

Viriato da Cruz e Agostinho Neto: História, Poesia, Música e Revolução

Edna Maria dos Santos – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

RESUMO: Nosso ensaio pretende mostrar a relação entre História, Poesia e Revolução presentes em poemas de Agostinho Neto e Viriato da Cruz. Os dois poetas foram fundadores do MPLA em Angola, partido político que desempenhou papel fundamental nas lutas pela independência de Angola contra a metrópole colonizadora portuguesa. Estreitar os laços entre poesia e revolução, por intermédio das quais a palavra se torna arma de um combate maior, é um dos objetivos principais deste trabalho.

Palavras-chave: História, Poesia, Revolução, Agostinho Neto, Viriato da Cruz.

ABSTRACT: Our paper aims to show the relationship between History, Poetry and Revolution present in the poems of Agostinho Neto and Viriato Cross. The two poets were the founders of the MPLA in Angola, the political party that played a key role in independence struggles in Angola against the Portuguese colonial metropolis. Strengthen links between poetry and revolution, through which the word becomes a weapon against larger, is a major goal of this work.
Keywords: History, Poetry, Revolution, Agostinho Neto, Viriato da Cruz.

Como os poetas que já cantaram e que ninguém mais escuta, eu sou também a sombra vaga de alguma interminável música.

Cecília Meireles

A Revolução deve fazer a transformação profunda das mentalidades mudando o tipo de relações que os homens devem estabelecer.

Samora Machel

Queria começar meu texto falando de História, Música e Revolução. O que estes três saberes, conhecimentos, tem a ver com Viriato da Cruz e Agostinho Neto? Com suas poesias? Qualquer poeta participa de um concerto para muitas vozes, convoca vivos e mortos para a orquestração de sinfonias melodiosas onde todos participam, à sua maneira, para fazerem fluir as palavras. Que estas sejam deleite, prazer, ação revolucionária. Viriato da Cruz e Agostinho Neto foram grandes artífices da palavra. Utilizo a palavra *artífice* como nos ensina Richard Sennett, como “arte ou habilidade artesanal, a capacidade de fazer bem as coisas”.

Esta habilidade designa um impulso humano constante, aberto à reinvenções, à mudanças. Estabelece ligações entre a cabeça e a mão, entre o intelectual e o manual. A imaginação explora várias linguagens, direciona habilidades corporais, ao mesmo tempo em que teoriza sobre o fazer que postula a construção da autoridade, do corpo de tradições e ações que servem como itinerários para o ser individual e social. Autoridade significa algo mais que ocupar um lugar de honra numa trama social. Como ainda nos diz Sennett, “a autoridade também reside na qualidade de suas habilidades”. Não podemos esquecer a relação imensa existente entre Agostinho Neto e o grupo musical “N’gola Ritmos”, responsável por muitas canções de resistências. É aí que o artífice também se torna artista. Como olvidar o lirismo e a leveza musical de Viriato da Cruz, em suas poesias, quando fala da terra como solo e da terra como pátria?

Viriato da Cruz nasceu em Luanda, em 1928, e morreu exilado na China em 1973. Foi um dos promotores do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, em 1948, e da revista Mensagem. Publicou um único livro de poemas, editado em 1961. Dinamizou as lutas pela libertação de Angola, em Lisboa, se relacionando com grandes lideranças como Amílcar Cabral, Lucio Lara, Marcelino dos Santos, entre outros. Ele fazia parte do grupo de Paris da Diáspora africana.

A obra e o papel de Viriato da Cruz para a memória angolana é de vital importância. Alguns temas são fundamentais para a compreensão de sua poética. A terra é um dos elementos mais importantes. Terra como solo, terra como pátria. Como um oleiro, aquele que amassa o barro, que fertiliza a terra, Viriato louva os ícones da natureza. Terra e água percorrem muitos de seus poemas e servem, também, como signos de universalidade, de fraternidade com os irmãos do mundo.

Oh Terra, oh Terra! Oh! Minha mãe terra

... eu sou, sim, um farol

um farol de emoção

ante a beleza das coisas e dos homens!

Mas sou amor, ódio, emoção

sou uma força a influir

no destino do que me cerca

graças a ti

a ti, oh mãe Terra!

Graças aos meus nervos, as minhas carnes, aos meus olhos

à minha voz – a este corpo!

do barro do teu chão

da água das tuas fontes

(...)

E o abraço universal dos rios

Enlaçando vilas, aldeias e cidades

campos e países ...

(O Homem e o Mito, p. 45, 46)

Homenageando Agostinho Neto, Viriato diz, “O solo de onde a beleza provém, eu vejo a mão no arado, a mão no tear, a mão na enxada, eu vejo...” (O Homem e o Mito, p. 47). A mão é outro signo importante no jogo poético de Viriato da Cruz. A mão que ara a terra é a mesma mão que procura unir os irmãos do mundo, mãos que constroem a paz e um mundo melhor. “A mão no arado, o livro na mão, o modo humano de existência fecunda...” (O Homem e o Mito, p. 47).

O sema luz como instrumento de buscas de utopias, de esperanças, está presente em Viriato em outro poema,

Tua presença – minha mãe – drama vivo duma Raça

Drama de carne e sangue

que a vida escreveu com a pena dos séculos!

(...)

Rebrilhantes dorsos

brilhem, brilhem

batedores de jazz

rebentem, rebentem grilhetas da alma

evade-te ó alma, nas asas da Música do brilho do sol

(...)

mas vejo, também, que a luz roubada

aos teus olhos, ora esplende

demoniacamente tentadora

como a certeza

cintilante, firme como a Esperança

em nós outros, teus filhos

gerando, formando, anunciando

o dia da Humanidade

O Homem e o Mito, p. 59,60)

Assim como Viriato, podemos compreender a obra e o papel de Agostinho Neto para a história e a literatura angolanas, também, através de, pelo menos, quatro metáforas: a do oleiro; a da luz; a da mão; a do jogo como conhecimento. Todas elas constroem a qualidade do artífice que ele foi. A metáfora do oleiro é a do construtor, que pisa a terra, põe o tijolo como concreto de uma edificação, onde o pensar é apresentado como o pensar que realiza, desencadeia realidades. Em seu livro “Sagrada Esperança”, a poesia explicita este pensar (p. 90),

*“E há esta alegria de ser humano quando a manha avança
suave e forte*

sobre a embriaguez sonora do cântico da terra

apavorando vermes e répteis.

E entre a angústia e a alegria

Um trilho imenso do Niger ao Cabo

Onde marimbas e braços, tambores

e braços, vozes e braços

harmonizam o cântico inaugural da nova África”

A metáfora da luz se apresenta como busca da verdade, que se quebra, se fende, se constrói na diversidade, na ambigüidade entre ser local, nacional e ser universal, mas principalmente de ser demasiadamente humano.

Diz o poeta (p. 52)

“Amanhã entoaremos hinos à liberdade

quando comemorarmos

a data da abolição desta escravatura.

Nós vamos em busca da luz

*Os teus filhos Mãe
Todas as mães negras
Cujos filhos partiram
Vão em busca de vida”*

Como muitos poucos, Agostinho Neto articula com maestria a música inteligente da escrita poética e faz dela um instrumento de luta. Luz que é vida, que é também ação que ilumina.

A metáfora da mão desempenha um papel importante em toda sua história e sua vida literária. A mão que arma o fuzil é a mesma que defende todos os irmãos africanos e não só angolanos, através de sua pena lírica e, ao mesmo tempo, revolucionária. Diz na página 79 da “Sagrada Esperança”

*“as minhas mãos colocaram pedras
nos alicerces do mundo
mereço o meu pedaço de pão”*

No poema “Mãos Esculturais”, diz, ainda, o poeta (p. 105-106)

*“Eu vejo as mãos esculturais
dum povo eternizado nos mitos
inventados nas terras áridas
da dominação
as mãos esculturais dum povo
que constrói
sob o peso do que fabrica
para se destruir.
Eu vejo além África*

*Amor brotando virgem em cada boca
Em lianas invencíveis
Da vida espontânea
E as mãos esculturais entre si ligadas
Contra as catadupas demolidoras do antigo.
Além deste cansaço em outros continentes
a África viva
sinto-a nas mãos esculturais
dos fortes que são povo
e rosas e pão
e futuro”*

A arte de sedução política de Agostinho Neto corta por dentro não só a realidade angolana, mas pensa o mundo africano e suas necessidades de mudanças. A poesia grita por liberdade, e esta é exercício de firmeza nas mãos e nas palavras. O poeta universaliza seus sonhos, também, para outros continentes.

A metáfora do jogo do conhecimento está presente na arte da consciência, da cultura política. Agostinho Neto sintetizava em si mesmo a união entre o poeta e o político. No poema “Voz do Sangue” ao conclamar a união dos negros de todo o mundo, Neto dá voz ao discurso político pan-africanista que propunha uma tomada de consciência mais ampla, de todos os negros em diáspora. O jogo como embate pode ser entendido na relação entre luta/poder/classe e Estado. Esse poder do Estado se faz representar na atuação do Partido, na importância dada ao MPLA como condutor e aglutinador de todas as forças sociais. Mas para Neto, as tramas tecidas entre o poder do discurso político e também do lírico, do poético fazem da cultura um dos pilares mais importantes para a libertação angolana. Diz ele a página 87 da “Sagrada Esperança”

*“Em cada consciência
fervilha o temor de se ouvir*

a si mesma

A História está a ser contada

de novo

Medo no ar

Acontece que eu

homem humilde

ainda mais humilde na pele negra

me regresso África

para mim

com os olhos secos”

A beleza da diversidade através dos rituais das culturas afirma a vida de um continente plural que deve compartilhar sonhos e utopias. Entre as décadas de 50 a 70 do século XX, muitas lideranças políticas/poéticas estreitam os laços entre Poesia e Revolução: Senghor, Amílcar Cabral, Khadafi, Nasser, Agostinho Neto, Viriato da Cruz, entre outros, são homens que se misturam inteligência e combate, também conclamam a construção de um homem novo preocupado com a ciência e a engenharia de acabar com a fome, a miséria e as desigualdades sociais e econômicas. Viriato da Cruz e Agostinho Neto foram símbolos de uma época onde a habilidade artesanal se fazia através do traço contínuo entre o orgânico e social. O ofício da experiência, de abrir-se ao coletivo, a demonstração física mais que a etiqueta classificatória. O princípio de mostrar, em vez de só dizer.

Quando mestres como Viriato da Cruz e Agostinho Neto demonstravam em atos seu pensamento, sua filosofia estas demonstrações ultrapassam séculos e fazem História. Como fala e ação libertária, Agostinho Neto e Viriato da Cruz construíram uma interminável música que ainda hoje se faz memória presente na sociedade angolana. Como a História será sempre a arte do possível, “as terras sentidas da África, elas vivem, porque nós vivemos, e somos as partículas imperecíveis das terras sentidas da África”.

O indivíduo criador não age rotineiramente, pois produz a cada momento novas avaliações. O fundamental consiste na arte de viver, na capacidade de produzir singularidade a cada ato. Viriato da Cruz e Agostinho Neto fizeram parte de uma geração de intelectuais pós-guerras que buscaram a emancipação de seu povo e lutaram pela afirmação identitária de Angola. Em que pese diferenças e contradições, foram ícones do nacionalismo angolano e grandes poetas e, até hoje, estão na memória dos atuais intelectuais e líderes de Angola. Que a grande Revolução das Mentalidades se faça em Angola, onde, sem dúvida, a Poesia e a Música devem estar presentes como impulsionadoras de um novo Homem e de uma nova cidadania cultural. Viriato da Cruz e Agostinho Neto são nomes que deverão ser sempre lembrados, em que pese suas diferenças, para o conhecimento das novas gerações.

Referências bibliográficas

ROCHA, E. & SOARES, Francisco. *Angola, Viriato da Cruz – o Homem e o Mito*. Luanda: Ed. Chá de Caxinde, 2008.

LABAN, M. Viriato da Cruz. *Cartas de Pequim*. Luanda: Ed. Chá de Caxinde, 2003.

NETO, Agostinho. *Sagrada Esperança*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979.

SENNETT, Richard. *O artífice*. Rio de Janeiro: Ed. Acurd, 2009.